

CAPÍTULO I

Três inválidos — Sofrimentos do George e do Harris — Uma vítima de cento e sete doenças fatais — Receitas úteis — Cura para os padecimentos do fígado nas crianças — Concordamos que estamos extenuados e que precisamos de descanso — Uma semana no mar revolto — O George sugere o rio — O Montmorency objecta — Moção original vence por uma maioria de três contra um.

Éramos quatro — o George, o William Samuel Harris, eu próprio e o Montmorency. Estávamos sentados no meu quarto a fumar e a dizer quão mal nos sentíamos — mal, quero eu dizer, de um ponto de vista clínico, evidentemente.

Estávamos a sentir-nos em baixo de forma, o que nos punha a todos bastante nervosos. O Harris disse que sentia uns ataques tão extraordinários de tonturas a abater-se sobre ele que, às vezes, mal sabia o que estava a fazer; e depois o George disse que também ele tinha ataques de tonturas e que, nessas alturas, mal sabia o que fazia. Comigo era o fígado que estava desarranjado. Eu sabia que era do fígado porque, ainda há pouco, tinha lido um folheto que anunciava umas pílulas hepáticas e no qual vinham, em pormenor, todos os sintomas que levam uma pessoa a perceber que tem o fígado desarranjado. E eu tinha os sintomas todos.

É uma coisa realmente extraordinária, mas, sempre que leio um anúncio a um determinado medicamento, chego à conclusão de que sofro da doença particular que ali é abordada e sempre na sua forma

mais virulenta. O diagnóstico parece-me corresponder exactamente a tudo aquilo que sinto.

Lembro-me de ir uma vez ao Museu Britânico para ver que tratamento existiria para uma afecção benigna de que tinha alguns sintomas — acho que era febre dos fenos. Fui buscar o livro e li o artigo que tinha ido consultar. E então, displicentemente, fui folheando o livro e comecei a estudar, com alguma indolência, as doenças em geral. Já não me lembro de qual foi a primeira doença em que mergulhei — sei que, de qualquer forma, era um padecimento horrendo e devastador — e, antes de ter conseguido percorrer metade da lista dos “sintomas premonitórios”, percebi que sofria precisamente daquela doença.

Por instantes fiquei gelado de horror; depois, abatido pelo desespero, continuei a voltar as páginas. Cheguei à febre tifóide — li os sintomas, descobri que sofria de febre tifóide, já devia sofrer há meses sem o saber — perguntei a mim próprio de que mais sofreria; cheguei à dança de São Vito — descobri, como já previa, que também padecia desta doença —; comecei a interessar-me pelo meu caso e, determinado a passar-me ao crivo dos pés à cabeça, pus-me a ler tudo por ordem alfabética: li tudo o que havia sobre angina, soube que sofria daquela maleita e que a fase aguda começaria mais ou menos dali a quinze dias. Fiquei aliviado ao saber que sofria apenas de uma forma atenuada da doença de Bright e que, no que a essa matéria diz respeito, podia viver por muitos anos. Cólera tinha, e com complicações graves; difteria era algo com que já devia ter nascido. Conscientiosamente percorri as vinte e seis letras e, conforme pude concluir, a única doença de que eu não padecia era a artrose da lavadeira.

A princípio, isto magoou-me bastante. Parecia-me de certo modo uma ofensa. Porque não sofreria eu de artrose da lavadeira? Porquê esta restrição injusta? Mas, passado um bocado, os meus sentimentos tornaram-se menos mesquinhos. Reflecti que tinha todas as outras doenças conhecidas da farmacologia e, sentindo-me menos egoísta, decidi esquecer a artrose da lavadeira. A gota, na sua fase mais maligna, parecia ter-me caído em cima sem eu dar por ela; e zimose era algo de que sofria, evidentemente, desde a adolescência. Como não havia mais doenças depois de zimose, cheguei à conclusão de que não sofria de mais nada.

Sentei-me e pus-me a meditar. Pensei que, do ponto de vista médico, eu devia ser um caso muitíssimo interessante e uma autêntica bênção numa sala de aulas! Os estudantes deixariam de precisar de “correr os hospitais” se me tivessem a mim. Eu era um hospital ambulante. Bastava-lhes andar à minha volta e, em seguida, pedir o diploma.

Depois comecei a pensar no tempo que me restaria de vida. Tentei examinar-me. Tomei o pulso. A princípio não consegui sentir nenhuma pulsação. Depois, de repente, aquilo pareceu disparar. Rapei do relógio e pus-me a contar. Conteí cento e quarenta e sete por minuto.

Tentei ouvir o coração. Não consegui ouvir nada. O coração tinha parado de vez. Desde então tentaram convencer-me de que o coração nunca deixou de estar no seu sítio e que nunca parou de bater. Mas eu não seria capaz de o afirmar sob juramento. Apalpei-me todo, daquilo a que chamo cinta até à cabeça, um bocadinho de cada lado e um bocadinho nas costas. Mas não senti nem ouvi nada. Tentei ver a língua. Deitei-a de fora, esticando-a o mais possível, e fechei um olho, tentando examiná-la com o outro. Só enxerguei a pontinha e a única coisa que lucrei com isso foi confirmar as minhas certezas de que tinha escarlatina.

Quando entrei naquela sala de leitura eu era um homem saudável e feliz. Arrastei-me para fora dela como um farrapo decrepito.

Fui consultar o meu médico. É um velho amigo meu que me toma o pulso, me vê a língua e fala do tempo, tudo de graça, sempre que penso que estou doente; por isso, achei que lhe ia fazer um grande favor se fosse agora ter com ele. “Aquilo de que um médico precisa”, pensei eu, “é prática, e cá estou eu para isso. Ele vai praticar mais comigo do que com setecentos pacientes vulgares que só têm uma ou duas doenças cada.” E assim fui ao seu encontro e ele perguntou-me: — Então, que te aconteceu?

Eu disse: — Não vou roubar-te tempo, caro amigo, a contar-te o que me aconteceu. A vida é breve e ainda podias morrer antes de eu acabar. Mas vou dizer-te aquilo que não me aconteceu. Não tenho artrose da lavadeira. A razão por que não tenho artrose da lavadeira é coisa que não percebo; mas é um facto que disso não sofro. Porém, padeço de tudo o resto.

E disse-lhe como tinha feito aquela descoberta.

Então ele mandou-me abrir a boca e olhou por mim abaixo, e agarrou-me o pulso, depois deu-me uma pancada no peito quando eu menos esperava — o que, na minha opinião, foi uma grande cobardia — e logo a seguir deu-me uma cabeçada. Depois sentou-se, escreveu uma receita, dobrou-a e entregou-me, e eu meti-a no bolso e fui-me embora.

Não a abri. Entrei na farmácia mais próxima e estendi-a ao farmacêutico. O homem leu-a e devolveu-me.

Disse que não tinha aquilo.

Eu disse: — Não é farmacêutico?

Ele respondeu: — Sou farmacêutico. Se fosse a junção de uma mercearia com uma pensão de família, talvez pudesse servi-lo. O facto de ser um simples farmacêutico impede-me de o satisfazer.

Li a receita. Dizia assim:

Meio quilo de carne com

Meio litro de cerveja preta de seis em seis horas

Uma caminhada de quinze quilómetros todas as manhãs

Uma cama às onze em ponto todas as noites

E não enchas a cabeça com coisas de que não percebes nada.

Segui estas instruções com o feliz resultado — falando por mim — de ter salvado uma vida, a minha, que ainda hoje perdura.

No caso que agora nos interessa, voltando ao folheto sobre as pílulas hepáticas, eu tinha indubitavelmente todos os sintomas, sendo que o principal era uma “falta de vontade generalizada para realizar qualquer tipo de trabalho”.

Não há palavras que descrevam o quanto sofro deste sintoma. Desde a mais tenra infância fui sempre um mártir. Em rapaz, a doença não me deu tréguas praticamente nem um só dia. Na altura ninguém sabia que era do fígado. A ciência médica estava muito menos avançada do que está agora e atribuíam aquilo à preguiça. Diziam-me:

— Anda, preguiçoso. Levanta-te e faz pela vida! — Claro que não sabiam que eu estava doente. E não me davam pílulas, davam-me tabefes nas têmporas. Por estranho que pareça, aqueles tabefes na cabeça curaram-me muitas vezes — pelo menos momentaneamente. E reconheço que, naquela altura, alguns daqueles tabefes tiveram

mais efeito sobre o meu fígado, e me deram mais vontade de andar direito e de fazer sem mais delongas aquilo que queriam que eu fizesse, do que agora acontece com uma caixa inteira de pílulas.

Sabem, isso é uma coisa que acontece muitas vezes — aquelas mezinhas simples e antiquadas são frequentemente mais eficazes do que as preparações da farmácia.

Ali ficámos, pois, uma meia hora a descrever uns aos outros os nossos sofrimentos. Eu expliquei ao George e ao William Harris como me sentia quando, de manhã, me punha a pé, e o William Harris contou-nos o que sentia quando ia para a cama; e o George, de pé em cima do tapete, em frente à lareira, brindou-nos com uma representação inteligente e impressionante do modo como se sentia durante a noite.

O George *tem a mania* de que é doente; mas, na realidade, podem crer que ele não sofre de nada.

Nesse momento, a senhora Poppets bateu à porta e perguntou se estávamos prontos para o jantar. Sorrimos uns para os outros com tristeza, dizendo que se calhar era melhor tentar engolir qualquer coisa. O Harris disse que às vezes qualquer coisita no estômago ajudava a conter a doença; e a senhora Poppets trouxe o tabuleiro e nós arrastámo-nos para a mesa onde petiscámos um bifito de cebolada e um pouco de tarte de ruibarbo. Eu, naquela altura, devia estar mesmo fraco; porque me lembro de que, passada a primeira meia hora, perdi todo o interesse na comida — coisa rara em mim — e nem sequer quis queijo.

Cumprido este dever, voltámos a encher os nossos copos, acendemos os cachimbos e retomámos a discussão sobre o nosso estado de saúde. Aquilo de que sofríamos, realmente, era algo de que nenhum de nós tinha certezas; mas a opinião unânime era que — fosse aquilo o que fosse — tinha sido provocado por excesso de trabalho.

— Precisamos é de repouso — disse o Harris.

— De repouso e de uma mudança completa — disse o George. — O excesso de pressão exercido sobre os nossos cérebros produziu uma depressão geral em todo o sistema. Uma mudança de cenário e a ausência da necessidade de pensar há-de restaurar o equilíbrio mental.

O George tem um primo que normalmente é descrito no registo da polícia como estudante de medicina, de modo que ele tem uma